

O DISPOSITIVO PRONOMINAL TRINITÁRIO E A SUA ABERTURA PARA A ANÁLISE LITERÁRIA

SILVA, ANDRÉ RODRIGUES DA¹; NEUMANN, DAIANE²

¹*Universidade Federal de Pelotas – andresilva537@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – daiane_neumann@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Na obra *Os Mistérios da Trindade* (2000), o filósofo Dany-Robert Dufour propõe um “tratado” (2000, p. 11) do trinitário. Tal pensamento surge através da problemática gerada na história da civilização diante de narrativas sociais sobre, por exemplo, o desejo pelo eterno e o medo pela morte. Com isso, a instauração de um pensamento e um agir binário em uma sociedade que busca calcar as ações em detrimento de um exercício singular, uno, faz com que o *eu* não possua lugar e, por conta disso, há uma impossibilidade para a intersubjetividade.

Segundo Dufour, o homem binário “quer a eternidade” (2000, p. 11) para, com isso, se tornar um “super-homem” (2000, p. 11). No que tange à binariedade, ela sempre procurou investir na “presença sempre outra do mesmo” (DUFOUR, 2000, p. 356), ou seja, na formalização de maneiras únicas de fala, de existência e de pensar. O que antes era recusado pelos pitagóricos, sobretudo com relação à recusa da relação trinitária, ao longo da história foram-se, também, findando relações “desligadas das necessidades de representações de uma ausência” (2000, p. 355).

O trinitário surge, por sua vez, a fim de romper com o dualismo. Se temos, na sociedade binária, uma coexistência da presença entre dois locutores, o trinitário será o espaço interlocutório da “copresença como lugar para a ausência” (2000, p. 55). A ausência denotada pelo *ele*, a não-pessoa como nos apresenta Émile Benveniste em *Problemas de Linguística Geral I* (2005) e *II* (2006), estará inscrita no espaço discursivo, na instância pela qual ocorre a reversibilidade binária entre um *eu* e um *tu*. Portanto, a ausência, denotada pelo *ele*, “é o que representa, a todos os instantes, a única perspectiva de homem” (DUFOUR, 2000, p. 55). Contrapõem-se, portanto, à binariedade e “[à] eficácia das formas unárias” (DUFOUR, 2000, p. 41).

A fim de mostrar de que maneira podemos discutir essa re-presentação da ausência como presença em um texto literário, utilizarei de excertos a obra *O Estrangeiro*, de Albert Camus, para ilustrar o personagem-narrador, Meursault, diante da sua atuação no espaço intersubjetivante do *eu* e do *tu*, na primeira parte da obra, e a sua ausência no espaço discursivo da diáde *eu-tu*, na segunda parte da obra. A alteração do espaço dado a Meursault, ou a falta dele, diante da instância discursiva, é o que produzirá, neste trabalho, um novo espaço para a análise do texto. Logo, o embate teórico que há, entre o binário e o trinitário, evocará, na discussão proposta neste texto, o dispositivo pronominal diádico (*eu-tu*) e o dispositivo pronominal trinitário (*eu-tu/ele*) na obra de Camus.

2. METODOLOGIA

O método para este trabalho é de ordem analítica e proponho um estudo pronominal a partir dos princípios fundadores da teoria benvenistiana para que, em seguida, possa ser trabalhada a ampliação teórica feita pelo filósofo Dany-Robert Dufour em *Os Mistérios da Trindade* (2000). Ademais, essa base servirá como método de análise na obra *O Estrangeiro*, de Albert Camus, para evidenciar como esse jogo pronominal que acontece na obra de Camus vai levando o personagem principal a uma grande introspecção, aprofundando o sentimento de estranhamento do personagem-narrador. Além da utilização dos principais livros de Benveniste como *Problemas de Linguística Geral I* (2005) e *II* (2006), será realizada um cotejo do texto “O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem”, escrito por Teixeira (2012), enriquecendo a discussão sobre língua e linguagem, cultura, língua e literatura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos de língua e literatura propiciam com quem se busquem, na teorização proposta sobre o dispositivo trinitário pronominal, aberturas diante das mais diversas formas de se entender a atuação pronominal dos sujeitos nos estudos da linguagem. Em *Natureza dos Pronomes* (1956), Benveniste propõe que os pronomes não constituem formas únicas, mas “espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos” (BENVENISTE, 2005, p. 277). Enquanto há forma, no que concerne ao uso da sintaxe da língua, há as produções de sentidos que se constituem diante das “instâncias do discurso” (2005, p. 277). Com isso, os pronomes se estabelecem como problemas de linguagem e de língua, promovendo, assim, a não desassociação entre linguagem e língua. Novamente no texto *Natureza dos Pronomes* (1956), Benveniste abre caminhos para discutirmos sobre a reversibilidade entre o *eu* e o *tu* em oposição a *ele*.

Se, para Benveniste, “a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste” (2005, p. 286), tem-se uma perspectiva de ampliação da discussão benvenistiana sobre os pronomes em Dufour, sobretudo com relação ao que podemos refletir sobre a terceira pessoa, o *e/le*, diante dos estudos sobre linguagem. Segundo Teixeira (2012), na interpretação de Dufour sobre o estudo dos pronomes, “em Benveniste encontramos também o reconhecimento de uma amplitude que autoriza a transcender o âmbito da linguística como tal” (TEIXEIRA, 2012, p. 77), ou seja, a constituição do homem na língua permite que o estudo da linguagem possa estender-se a outros domínios de conhecimento, tais como a literatura e a filosofia.

A experiência do acontecimento, de uma nova experiência humana no discurso, evoca uma trindade natural pois, para Dufour, aquele que fala está sempre pondo em ato o trinitário. Para tanto, não temos mais a diáde *eu-tu*, mas sim o conjunto trinitário *eu-tu/e/le*, pois a ausência denotada no campo de presença pela terceira pessoa é uma “demarcação de ausência” (DUFOUR, 2000, p. 92) que simboliza o espaço discursivo.

Segundo Dufour, “se estamos ainda hoje num espaço trinitário de língua e de pensamento, é porque para administrar a relação vida-morte foi necessário utilizar um dispositivo trinitário” (DUFOUR, 2000, p. 324). Dufour dedica-se a pensar sobre o que chama de “fenômenos linguísticos” para nos mostrar que, quando falamos, “todo fato só pode se dar na e pela língua” (2000, p. 325). No que tange à

língua, Dufour nos mostra que ela é indissociável da linguagem, da cultura, do social e do corpo. Se essa inscrição no espaço discursivo não existisse, não haveria o dispositivo pronominal e, muito menos, “comunicação intersubjetiva” (DUFOUR, 2000, p. 74). Como Dufour nos mostra, a presença é denotada pela copresença entre o *eu-tu*, onde é possível que haja a troca e o preenchimento das conchas vazias. Já a não-pessoa, o *ele*, “representa de fato o membro não marcado da correlação de pessoa” (BENVENISTE, 2005, p. 282), a saber, a não-pessoa é uma posição discursiva e oposição à pessoa que enuncia (*eu locutor*).

Em *O Estrangeiro*, obra lançada em 1942, o personagem-narrador pode ser analisado a partir de uma alternância no espaço discursivo que a obra propicia, a fim de evocar possibilidades de análises e produções de novos sentidos neste texto literário. O espaço habitado pela personagem, sobretudo nas relações que se estabelecem e se constroem na linguagem do texto, estão ligadas através dos atos e das experiências que produzem sempre novos acontecimentos na narrativa.

Em *O Estrangeiro*, temos Meursault, personagem central da obra, que também narra os acontecimentos nas duas partes do livro. Enquanto enuncia, na primeira parte do livro, narrando acontecimentos sobre si e convocando os outros personagens para participar da sua história, temos, em um segundo momento, o personagem excluído nos diálogos de que participa. Isso ocorre pois Meursault passa a ser inferiorizado, sendo colocado na instância discursiva de terceira pessoa pronominal, ausente no processo intersubjetivo entre o *eu* e o *tu*.

Interrogado pelo juiz de instrução sobre o assassinato que cometeu no final da primeira parte, Meursault passa a ser deslocado do espaço discursivo, atuando somente quando mencionado e, mesmo assim, com restrições quanto ao que deveria expor e por quanto tempo poderia se pronunciar. É visto, a partir de uma leitura desse deslocamento da personagem, um sintoma de estrangeirismo no personagem-narrador, que o relaciona ao sentimento de solidão.

Meursault, portanto, é colocando em oposição ao *eu-tu*, deixando de colocar-se, também, como aquele *eu* que enuncia, para estar sujeito a uma sociedade que determina o seu lugar naquele espaço de existência: “mas a mim parecia-me que me afastavam ainda mais do caso, reduziam-me a zero e, de certa forma, substituíam-me” (2014, p. 95). Para existirmos, através do que podemos ler em Dufour, precisamos fazer parte destes espaços e são nestes espaços que, naturalmente, ocorrem relações contratuais. São nesses espaços que ocorre o surgimento do sujeito e a sua desaparição diante do seu “trajeto no mundo simbólico” (DUFOUR, 2000, p. 78).

Assim como propõe Benveniste, quando discute acerca dos “signos vazios” em *Natureza dos Pronomes* (1956), tem-se o preenchimento das “conchas vazias” (DUFOUR, 2000, p. 74), anteriormente mencionado através das palavras de Teixeira (2012, p. 446), a fim de mostrar que são nessas conchas vazias que se autentifica e se atualiza a capacidade de simbolizar. Portanto, o *ele*, a não-pessoa, o ausente, realiza o ato da sua ausência na presentificação da transitividade intersubjetivante do *eu* e do *tu*, ocupando essas conchas vazias onde o *ele* “torna possível a cena da representação” (2000, p. 90). Com isso o *ele*, o ausente, configura a possibilidade de linguagem, pois “é necessário um terceiro, externo, para que dois, copresentes, sejam” (DUFOUR, 2000, p. 106). Temos Meursault, portanto, autenticando a sua presença no campo discursivo, fazendo com que esse deslocamento seja presentificado dentro do processo intersubjetivo entre o *eu* e o *tu*.

4. CONCLUSÕES

Através do estudo proposto, podemos imergir nos estudos da linguagem a fim de compreender a maneira do sujeito experenciar a sua subjetividade em meio aos outros sujeitos na sociedade. Temos, com isso, o processo de intersubjetividade, que se instaura e constrói as relações através da reversibilidade proporcionada pelo acesso à língua pelo homem. Esse acesso do homem pela língua na linguagem é o que permite a constituição da sociedade e promove essa construção do social diariamente, assim como, através dela, se pode promover a exclusão, mediante a utilização da terceira pessoa pronominal.

Ademais, quando se busca discutir o pensamento trinitário estamos falando sobre as maneiras de se atualizar a experiência através das relações intersubjetivas. Ou seja, estamos trabalhando com a transitividade pronominal diante do dispositivo pronominal trinitário. A diáde binária do *eu-tu* é denotada de presença quando temos a ausência da disjunção (*/e/ele*) presente através da troca entre o eu e o tu. Se *eu* fala para um *tu*, estamos falando de um terceiro, do *ele*. E o *ele*, segundo Dufour, “faz ver aquilo que não está presente. *Ele* re-presenta o que está ausente. Em outros termos, *e/ele* torna possível a cena da representação” (DUFOUR, 2000, p. 90).

A obra propicia a retomada de pontos cruciais para imergir nas questões sobre subjetividade, a partir do percurso narrativo de Meursault e, utilizando do arcabouço teórico referenciado neste trabalho, acredito que a obra tem grande potencial para ser analisada a partir da ótica dos estudos da linguagem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes Editora, 2005.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes Editora, 2006.

CAMUS, Albert. **O Estrangeiro**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014.

DUFOUR, Dany-Robert. **Os mistérios da trindade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. Trad. Dulce Duque Estrada.

TEIXEIRA, Marlene. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** - v. 8 - n. 1 - p. 71-83 - jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/2639>>. Acessado em: 10 ago. 2022.

CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. **O espaço ficcional e a experiência subjetiva: uma análise enunciativa de A Metamorfose**. Dissertação. 2005. 126 pgs. (Mestrado em linguística aplicada). Centro de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo/RS, 2005.